

Maria Djalma Santos – professora D. Dida.

Nascida na cidade de Riachuelo no dia 16 de agosto de 1934, filha de João Batista Marinho e de Antônia Rosa Marinho (mãe Rosa). Seus pais tiveram oito filhos, sendo ela a quinta da prole.

Quando criança estudou na Escola Francisco Leite o primário e ainda aprendeu o ofício de bordadeira com a sua tia Júlia Bezerra, sendo o Richelieu, sua arte preferida.

Aos 14 anos de idade (1948) teve a grande oportunidade de trabalhar na única farmácia da cidade conseguindo assim, o êxito de ser a primeira mulher a integrar o quadro de funcionários do estabelecimento, numa época remota onde o machismo era dominante. Ela se orgulhava muito disso e lá aprendeu e se aperfeiçoou na área da farmácia e enfermagem (aplicando injeção, fazendo curativos, esterilização de material e manipulação de medicamentos) com o seu tio Messias Marinho, dono da farmácia, e o melhor farmacêutico da região.

Ao terminar o primário, seus pais não permitiram que Djalma seguisse os estudos na capital. Muito jovem e bonita, logo conheceu aquele que seria seu marido por mais de 50 anos, o jovem e elegante Gerson, filho de Jonathas e Anália dos Santos, família do povoado Roque Mendes.

O namoro começou sob os olhares e cuidados atentos de seus irmãos, sendo que na época, o meio mais fácil de comunicação eram os bilhetes, pois os pais não permitiam o contato físico, nem mesmo segurar na mão, regra geral para os jovens de família. Mesmo assim, entre namoro e noivado foram oito anos.

Aos 22 anos, ela casa com Gerson e do casamento lhe rende cinco filhos, sendo eles, Washington, Conceição (Ceixa), Rosa, Hudson e Kátia. Viveu por muitos anos para a família, cuidando de todos com muito carinho, mas a vontade de estudar era grande, e a oportunidade de crescer profissionalmente e ter uma formação acadêmica era um dos seus maiores objetivos...ela queria ser professora e entrar para o tão sonhado mercado de trabalho. Era o que ela tanto almejava, então, após ter a sua última filha decidiu que era a hora de recomeçar e voltou para a escola aos 36 anos.

Os filhos ainda muito crianças, a mais nova recém-nascida, ela se matriculou no curso de admissão para ingressar no Ginásio Alberto Sampaio, onde hoje funciona o Colégio Albano Franco.

O Ginásio Alberto Sampaio foi criado com a iniciativa do então médico Dr. Cleovansóstenes Pereira Aguiar, que sem recursos, teve a ajuda dos alunos da cidade para a construção da referida instituição de ensino, já que na cidade só existia o curso primário.

Contra a vontade do marido começava assim a sua batalha de independência e aos trancos e barrancos conseguiu concluir o curso ginasial.

Terminado o ginasial, é a vez de partir para a capital em busca da tão sonhada profissão... professora.

A Escola Normal – Instituto Rui Barbosa – na rua Laranjeiras, em Aracaju, era a primeira porta a ser aberta para um caminho a ser trilhado com muita dedicação. A luta foi grande, pois tinha que se locomover todos os dias e enfrentar as adversidades de uma época muito difícil. Lá D. Dida concluiu o curso pedagógico.

Concluído o pedagógico, ganhando o título de professora foi trabalhar no município de Divina Pastora e logo em seguida prestou concurso para o Estado, indo trabalhar na Escola Francisco Leite e contratada pelo município de Riachuelo na Escola Eulina Vasconcelos. Nesse espaço de tempo fez vestibular na Faculdade Pio Décimo concluindo o curso de Pedagogia.

Anos mais tarde fez o vestibular na Faculdade Tiradentes, para o curso de Biblioteconomia garantindo o diploma, e não satisfeita, depois de aposentada entra para a UFS no curso de Direito.

Na sua trajetória profissional fez o curso de enfermagem no Hospital de Riachuelo e nas horas vagas exercia seu ofício com favores à comunidade fazendo curativos e aplicando injeção sem cobrar nada por isso. D. Dida trabalhou também na Escola Poeta Santo Souza e teve o cargo de secretária em todas as escolas que passou. Chegado o tempo de se aposentar assim o fez.

A luta, os desafios, as dificuldades foram muitas, mas nada que a fizesse desistir, o desejo de realizar seus sonhos foi mais forte do que tudo.

D. Dida muito vaidosa, atenta a tudo e a todos de alguma forma contribuiu e muito com a Educação do município, dando seu apoio quando da realização da primeira reunião para a criação da Academia Riachuelense de Letras, Ciências e Artes em sua residência, ofertando um almoço para os membros fundadores – uma

belíssima feijoada – que até hoje é lembrada pelos Acadêmicos regada de uma boa e aproveitável conversa.

Participou ativamente de todas as reuniões literárias da ARLA, dentro de Riachuelo e nas diversas caravanas dos intelectuais sergipanos, sendo respeitada e muito querida por todos das Academias que visitava. Duas de suas filhas (Conceição marinho e Kátia Marinho fizeram parte da ARLA como acadêmicas titulares fundadoras). Sendo considerada pelos Acadêmicos como membro fundadora honorária.

Ela sempre falava que foi estudar já com a idade avançada, mas sua garra e determinação tudo em sua vida mudou para melhor. Ressaltando que o seu marido Gerson, arrependeu-se de tentar dificultar sua vida escolar e antes de falecer pediu perdão e disse ter muito orgulho da mulher honesta, guerreira e vitoriosa que teve ao seu lado por longos anos.

Como professora ensinou a muitos jovens de Riachuelo merecendo nosso respeito como cidadã e grande mulher à frente de seu tempo.

No ano de 2020 descobriu um câncer e na tentativa de descobrir o tipo da doença é acometida pela COVID – 19. Para o desespero da família foram 46 longos dias de internação, angústia e dor. Partiu dia 31 de julho de 2020 deixando um legado de resistência, amor ao próximo, de mãe exemplar e amiga para todas as horas.